

# **AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO DOS ACADÊMICOS DE FARMÁCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Igor Tafarel Hüning Farias<sup>1</sup>

Orozimbo Furlan Junior<sup>2</sup>

Alexandre Antunes Ribeiro Filho<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Automedicação é o uso de medicamento realizado sem prescrição de profissional habilitado, que se praticada corretamente pode contribuir positivamente para o indivíduo e para o sistema de saúde, e se realizada irracionalmente, pode acarretar em resultados indesejáveis. Neste contexto, realizou-se um estudo transversal para analisar a prática entre graduandos do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. O objetivo do estudo foi avaliar a automedicação dos acadêmicos, apontando seus comportamentos sobre tal prática, e analisando seu perfil acerca do uso racional de medicamentos. O estudo foi constituído por 86 acadêmicos e, a partir dos questionários aplicados, os resultados evidenciaram que a automedicação foi realizada por cerca de 97,7% dos acadêmicos. Quando questionados se possuíam conhecimento necessário para a realização da automedicação, e indicação de medicamentos, a maioria dos participantes afirmou que sim. Logo, considerando os resultados dos testes de correlação entre nível de conhecimento e a postura adequada, verificou-se que a maioria realiza automedicação de forma inadequada para os parâmetros relacionados à prática de um profissional farmacêutico.

Palavras-chave: Automedicação, medicamento, acadêmicos

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Farmácia, 10ª fase, Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Centro Universitário UNIFACVEST

<sup>2</sup> Mestre em Química, Coordenador do Curso de Farmácia, Orientador do presente trabalho pelo Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>3</sup> Doutor em Ecologia, Professor do Centro Universitário UNIFACVEST, Coorientador do presente trabalho.

# EVALUATION OF AUTOMEDICATION ON OF PHARMACY ACADEMICS IN A HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE STATE OF SANTA CATARINA

Igor Tafarel Hüning Farias<sup>1</sup>

Orozimbo Furlan Junior<sup>2</sup>

Alexandre Antunes Ribeiro Filho<sup>3</sup>

## ABSTRACT

Self-medication is the use of medication performed without prescription by a qualified professional, which if practiced correctly can contribute positively to the individual and the health system, and if performed irrationally, can lead to undesirable results. In this context, a cross-sectional study was conducted to analyze the practice among undergraduate pharmacy students at a higher education institution in Santa Catarina. The objective of the study was to evaluate the self-medication of the students, pointing out their behaviors about such practice, and analyzing their profile about the rational use of medicines. The study consisted of 86 academics and, from the applied questionnaires, the results showed that self-medication was performed by about 97.7% of the academics. When asked if they had the necessary knowledge to perform self-medication and indication of medications, most participants said yes. Therefore, considering the results of the correlation tests between level of knowledge and proper posture, it was found that most perform self-medication inappropriately for parameters related to the practice of a pharmaceutical professional.

Keyword: self-medication, medicine, academics

---

<sup>1</sup> Pharmacy Student, 10th phase, Course Completion Work II, UNIFACVEST University Center.

<sup>2</sup> Master in Chemistry, Pharmacy Course Coordinator, Advisor of the present work by the UNIFACVEST University Center.

<sup>3</sup> PhD in Ecology, Professor at the UNIFACVEST University Center, Co-advisor of the present work.

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação é considerada uma prática comum, a qual é utilizada por civilizações de todos os tempos, com características distintas a cada época e a cada região (ARRAIS *et al*, 1997. apud SOARES *et al*, 2008). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária conceitua automedicação como a utilização de medicamentos sem prescrição, orientação ou acompanhamento médico ou dentista, e automedicação responsável como a prática na qual o indivíduo faz a utilização de medicamentos isentos de prescrição para curar doenças e sintomas, sendo estes de eficácia e segurança comprovadas (BRASIL, 2001).

Quando praticada corretamente, a automedicação pode contribuir positivamente para o indivíduo e para o sistema de saúde, devido aos fatores econômicos, porém, quando realizada irracionalmente, pode acarretar em resultados indesejáveis, trazendo riscos de efeitos adversos, interações, intoxicações, e até mesmo levar a morte, assim desencadeando consequências negativas ao indivíduo (OLIVEIRA; LIMA, 2010).

A automedicação é uma prática rotineira de grande ocorrência nos dias atuais, ocorrendo por consequência do fácil acesso e à disponibilidade dos medicamentos no mercado. Sendo assim, a impressão causada nos consumidores dos medicamentos é de que esses não oferecem grandes riscos à saúde (CERQUEIRA *et al*, 2012).

As razões pelas quais os indivíduos realizam a automedicação são inúmeras, as quais podem estar relacionadas aos fatores socioeconômicos, ao incentivo de propagandas, e até mesmo ao medo causado pela apresentação de sintomas ou pela possibilidade de aquisição de uma doença. A falha na fiscalização das vendas de medicamentos também é responsável pela automedicação dos indivíduos, uma vez que, a limitação do conhecimento leva as pessoas a utilizarem o medicamento mais próximo (BAGGIO e FORMAGGIO, 2009).

A prática da automedicação não distingue classe econômica, pois os que possuem dificuldades socioeconômicas procuram automedicar-se pela falta de recursos para pagar por uma consulta, enquanto a classe que dispõem de recursos, e tem acesso mais facilitado, acreditam ter conhecimento necessário sobre os medicamentos e, por isso, dispensa a orientação, entendendo que alguns sintomas

são simples e não necessitam de acompanhamento médico (CAMARGO, et al, 2000. apud SOARES, et al, 2008).

Os dados sobre a automedicação vêm se tornando alarmantes, sugerindo assim que os profissionais da saúde comecem a intervir de forma positiva na orientação aos usuários a utilizarem os medicamentos de modo racional (SÁ e BARROS, 2007). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 50% dos medicamentos são prescritos ou dispensados de forma errônea, e 50% dos pacientes usam os medicamentos de maneira incorreta, assim desencadeando um alto índice de morbidade e mortalidade (MARIN et al., 2008).

Para minimizar os riscos inerentes à automedicação, temos o farmacêutico como o principal responsável pela orientação dos usuários sobre o uso racional de medicamentos. A atuação de um farmacêutico devidamente instruído junto a população no momento da dispensação do medicamento é de extrema relevância, pois este, geralmente, é o último profissional de saúde que o paciente terá contato antes de fazer uso do medicamento.

“É imprescindível para o farmacêutico ter a noção exata de sua competência e dos limites de sua intervenção no processo saúde-doença, para que assuma a atitude correta, avaliando a situação do usuário, orientando-o, se necessário, a procurar o médico ou o hospital, em caso de urgência” (ZUBIOLI, 2000, p.23).

Diante do exposto, levando em consideração a responsabilidade do profissional farmacêutico, faz-se necessária uma análise dos futuros profissionais em relação à automedicação, buscando conscientizar estes sobre a importância do conhecimento técnico-científico em relação a utilização dos medicamentos, visando sempre a importância da assistência farmacêutica, a qual trata de um conjunto de ações voltada a promoção, proteção e recuperação da saúde, que por sua vez busca a melhoria da qualidade de vida da população.

## **2. OBJETIVO**

O presente trabalho tem como objetivo avaliar a automedicação dos acadêmicos de farmácia, apontando seus comportamentos sobre tal prática, e analisando seu perfil acerca do uso racional de medicamentos.

## **3. METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo do tipo transversal para analisar a prática da automedicação entre graduandos do curso de farmácia de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina, na qual a coleta de dados foi realizada utilizando como instrumento um questionário contendo questões sobre dados pessoais (idade, sexo, renda) e sobre o tema automedicação.

A coleta de dados foi realizada no início do mês de outubro, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFACVEST (CEP-UNIFACVEST), conforme parecer número 3.633.811. Foram considerados os aspectos éticos envolvendo seres humanos, preconizados pela resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa ocorreu após a aprovação do projeto pelo CEP.

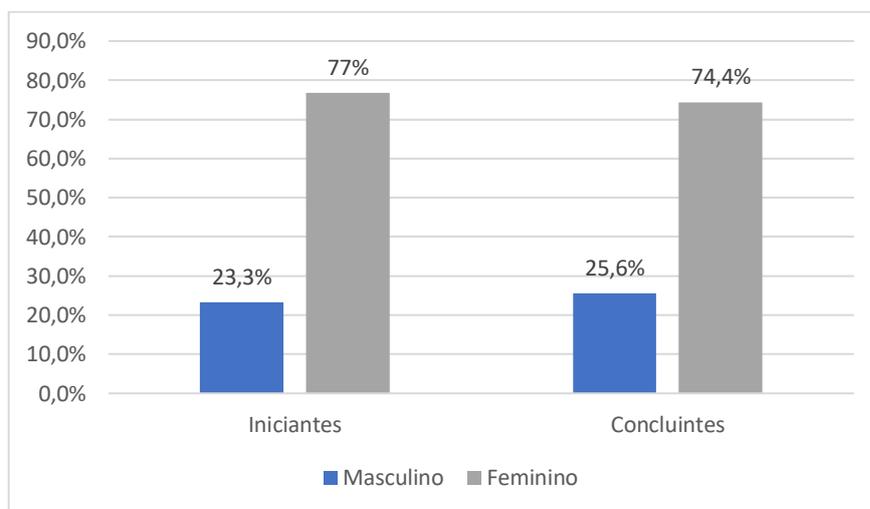
Os critérios de inclusão adotados foram: os alunos do curso de farmácia aceitarem voluntariamente participar do estudo; idade igual ou superior a 18 anos; e assinatura dos entrevistados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que assim fosse permitido o uso de suas informações nessa pesquisa.

A amostra foi constituída de oitenta e seis graduandos do curso de farmácia, esses estando matriculados na quarta, sexta, oitava e décima fase do curso. Posteriormente à pesquisa realizada através dos questionários, as respostas obtidas foram compiladas e analisadas em planilha do programa Microsoft Office Excel para a confecção de tabelas e representação através de gráficos.

A nível organizacional, a fundação teórica foi obtida através de artigos científicos do portal Scielo, Google Acadêmico e de banco de dados de instituições e/ou organizações tais como ANVISA.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo constitui-se de amostra total de 86 acadêmicos do curso de farmácia de uma instituição acadêmica do estado de Santa Catarina, que foram distribuídos em dois grupos: os iniciantes, matriculados na 4ª e 6ª fase do curso, e os concluintes, matriculados na 8ª e 10ª fase. Sendo cada grupo constituído de 43 acadêmicos. Na figura 1 estão expressas as características da amostra em relação ao gênero.

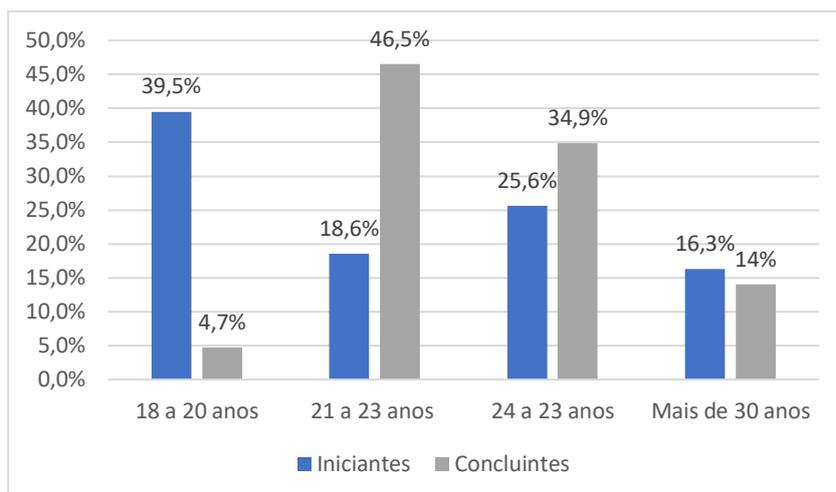


**Figura 1** – Distribuição percentual por gênero dos acadêmicos de farmácia participantes do estudo.

Conforme verifica-se na figura 1, percebe-se o predomínio do gênero feminino na população estudada, está representada por 77% dos participantes iniciantes e 74,4% dos concluintes.

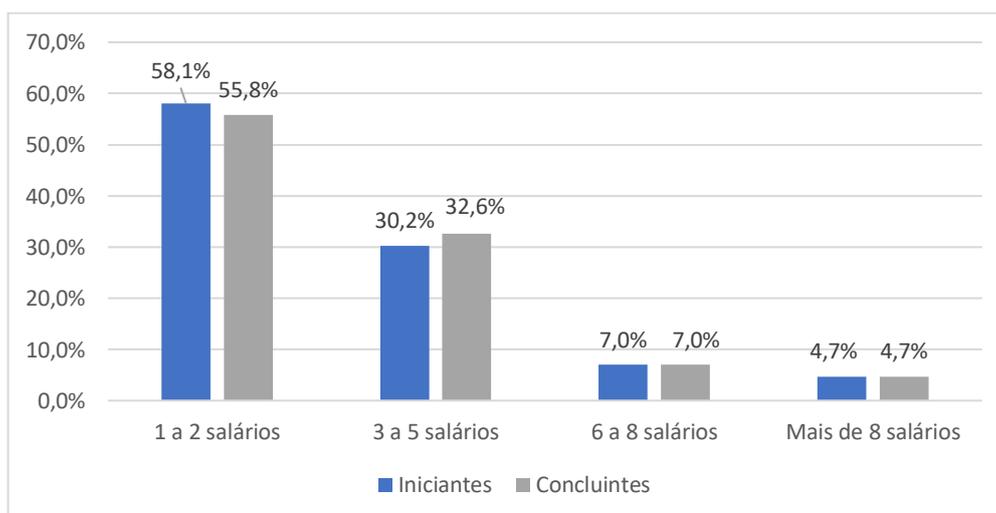
Pode-se analisar neste estudo a prevalência da automedicação entre as mulheres, o que está em consenso com Aquino et al. (2010), podendo isso estar correlacionado com as mulheres terem maior contato com o medicamento no decorrer de sua vida e devido ao seu papel de cuidadora no âmbito familiar.

Com relação ao grupo etário da amostra não foi detectado diferenças significantes entre os grupos estudados, porém precedeu a idade de 21 a 23 anos dentre os concluintes sendo 46,5%, e dentre os iniciantes prevaleceu a faixa dos 18 a 20 anos sendo 39,5% de seus representantes.



**Figura 2** – Distribuição gráfica da faixa etária do grupo estudado.

Quando analisado a renda familiar, reparou-se que em ambos os grupos a renda média familiar predominante é faixa de 1 a 2 salários mínimos mensais, sendo exposta por 58,1% dos iniciantes e 55,8% dos concluintes. Segundo Silva et al. (2012), a automedicação é considerada frequente entre os indivíduos de baixa renda, porém não se pode afirmar que tal prática é exclusiva da classe, pois segundo CONNASS (2003) pesquisas evidenciam que a automedicação não é um fator relativo a classe econômica, pois os medicamentos mais consumidos são aqueles de baixo custo e isentos de prescrição médica.

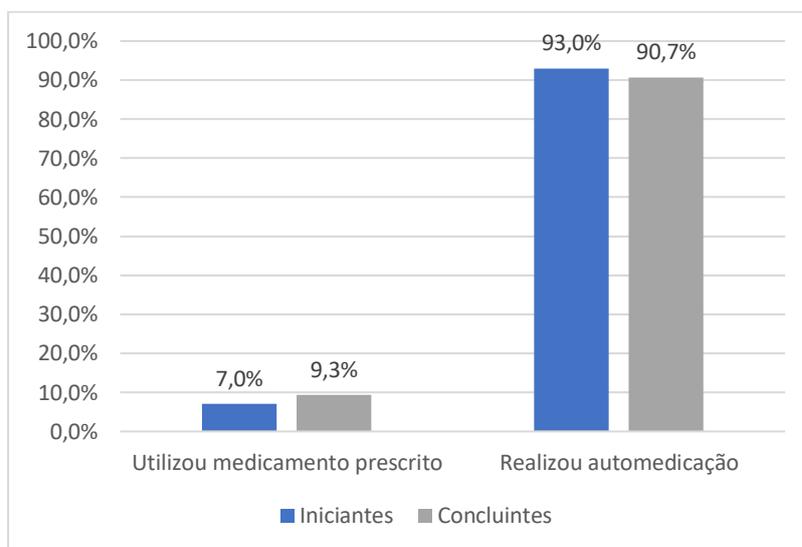


**Figura 3** – Distribuição gráfica do percentual por grupo da renda familiar do grupo estudado.

Com relação a automedicação, 93% dos acadêmicos iniciantes manifestaram ter realizado a prática, já do grupo concluinte cerca de 90,7% relatam tal, e quando

questionados sobre a quanto tempo ocorreu a automedicação, cerca de 97,7% da amostra total respondeu ter ocorrido nos últimos seis meses.

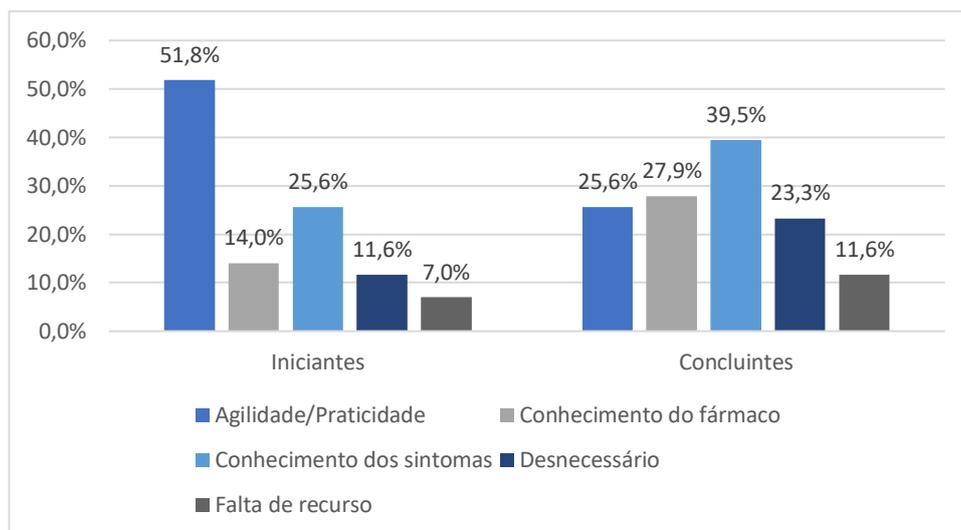
Observa-se na figura 4 um percentual semelhante da realização da automedicação entre os grupos, podendo explicar que o nível de conhecimento acadêmico não interviu para a sua realização, pois em relação ao grupo dos concluintes, os iniciantes detêm um período menor de formação acadêmica e, portanto, de capacitação e habilitação no curso de farmácia.



**Figura 4** – Distribuição gráfica do percentual da realização da automedicação dos grupos estudados.

Conforme Melo e colaboradores (2007) os números expressivos de automedicação encontrados neste estudo podem ser explicados devido ao acesso facilitado aos medicamentos isentos de prescrição (MIP). Porém, cabe ressaltar que estes MIP se usados de forma errônea podem acarretar diversas consequências aos indivíduos, tais como interações medicamentosas, reações adversas e erros de medicação.

Quando os estudantes foram questionados sobre quais motivos justificaram a automedicação, ao invés de procurarem uma consulta médica, foram citados diferentes motivos, os quais foram sintetizados na figura 5. Observa-se nesta figura que a principal justificativa se relaciona à agilidade e à praticidade da automedicação, resultando em 77,4% das justificativas quando analisadas entre os dois grupos.

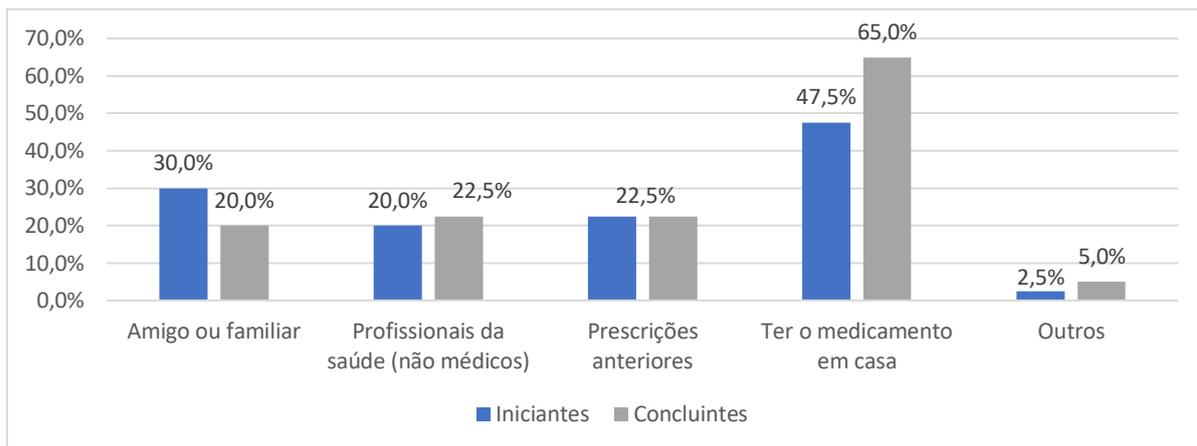


**Figura 5** – Distribuição gráfica do percentual das justificativas para a realização da automedicação.

Observa-se que os acadêmicos concluintes relatam ter realizado automedicação devido ao conhecimento sobre os sintomas, somando um total de 39,5% entre as justificativas desses.

A agilidade e praticidade para a resolutividade dos problemas foi a principal justificativa encontrada neste estudo para a realização da automedicação, o que está de acordo com o estudo realizado por Silva e colaboradores (2012) com acadêmicos do curso de medicina em uma universidade do estado de São Paulo, corroborando os dados relatados neste estudo. Entretanto, o estudo desenvolvido por Silva e colaboradores (2013) encontrou que a principal justificativa apontada pela automedicação da sua amostra estava relacionada à dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde, justificativa que não foi apontada pelos participantes deste estudo, o que pode ter como pretexto os determinantes locorregionais de saúde.

Outro aspecto estudado sobre a automedicação foi sobre as influências sofridas pelos estudantes para realizar a automedicação, a qual está sintetizada na figura 6.



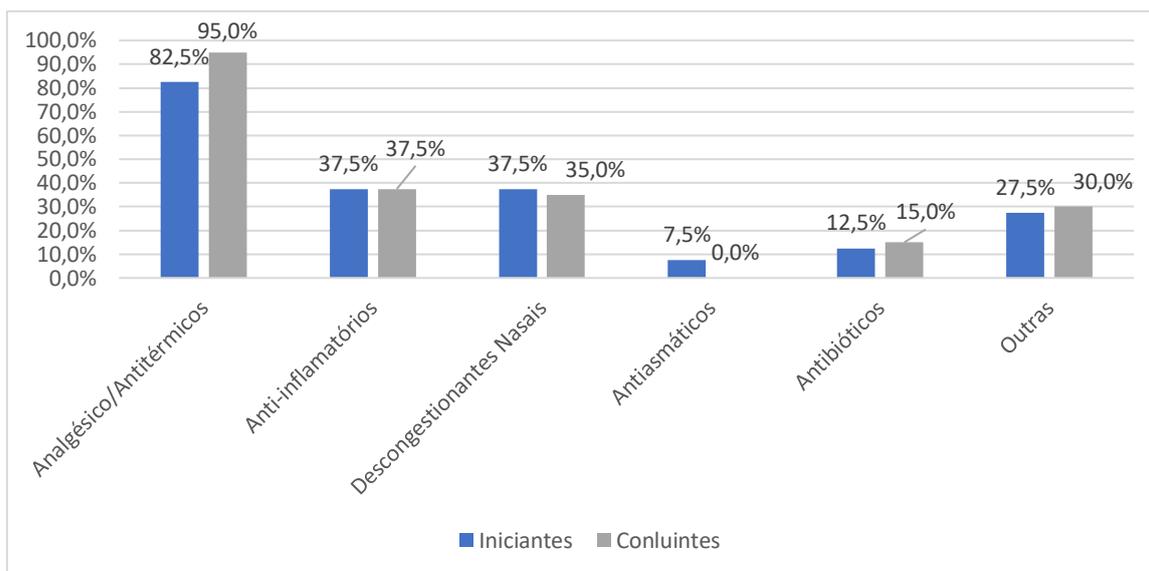
**Figura 6** – Representação gráfica do percentual dos influentes da automedicação.

Verifica-se em ambos os grupos estudados que a principal influência da automedicação é o fato de ter o medicamento em casa, sendo 47,5% dos iniciantes e 65% dos concluintes confirmando tal influência. Este fato pode ser explicado por diversos fatores, como econômicos, culturais e políticos, os quais contribuem diretamente para a expansão da prática da automedicação. Vale ressaltar que associado a este fato está a introdução dos medicamentos de baixo custo no mercado, a dispensação sem procedimentos bem definidos, e até mesmo a falta da supervisão do farmacêutico (ROSE et al. 2011).

Como observado, a maioria dos participantes da pesquisa relataram ter o medicamento disponível em casa, o que é considerado um hábito cultural, e também pode ser um determinante para a segunda influência apontada pelos acadêmicos, a realizada por amigos ou familiares, indicada por 30% dos iniciantes e por 20% dos concluintes. Esta influência de amigos ou familiares pode ser um fato determinante para a indicação de medicamento entre ambos, e até mesmo a realização de doação de medicamentos entre esses indivíduos.

Outra resposta dada pelos estudantes com relação à influência à automedicação relaciona-se à utilização de prescrições medicamentosas anteriores, representando 22,5% em ambos os grupos. Além dessa, a influência de profissionais da saúde (não médicos), sucedido de outros determinantes como a influência por conhecimento próprio, publicidade, professores e outros.

Na figura 7, observa-se as principais classes de medicamentos utilizados sem prescrição médica.



**Figura 7** – Representação gráfica da distribuição percentual de medicamentos utilizados na automedicação dos grupos estudados.

Foi demonstrado que a maioria dos participantes já realizaram automedicação, destes, constatou-se que o uso de analgésicos e antitérmicos é predominante nos dois grupos estudados, a qual foi mencionada por 82,5% dos iniciantes e 95% dos concluintes. Em segundo lugar observa-se a automedicação com anti-inflamatórios, sendo utilizados da mesma forma por ambos os grupos, com 37,5% dos apontamentos.

Estudos realizados por Loyola Filho e colaboradores (2002), e Aquino (2011), expuseram que esses medicamentos foram os mais utilizados entre os participantes. Uma possível explicação para essa dominância pode ser relacionada com a fácil aquisição e compra e, pela ideia de que estes medicamentos não proporcionam grandes riscos à saúde (RIOS et al. 2013).

De acordo com Silva (2012) é importante ressaltar que tais medicamentos apresentam efeitos adversos consideráveis e por vezes fatais, como hemorragias gástricas, hipersensibilidade entre outros, conforme comprovações científicas.

Os estudantes relataram a automedicação de descongestionantes nasais, antiasmáticos, antibióticos e outras classes, e medicamentos citados em pequena escala como ansiolíticos, corticoides, antitussígenos, métodos contraceptivos (pílulas do dia seguinte), pastilhas e outros (Figura 7).

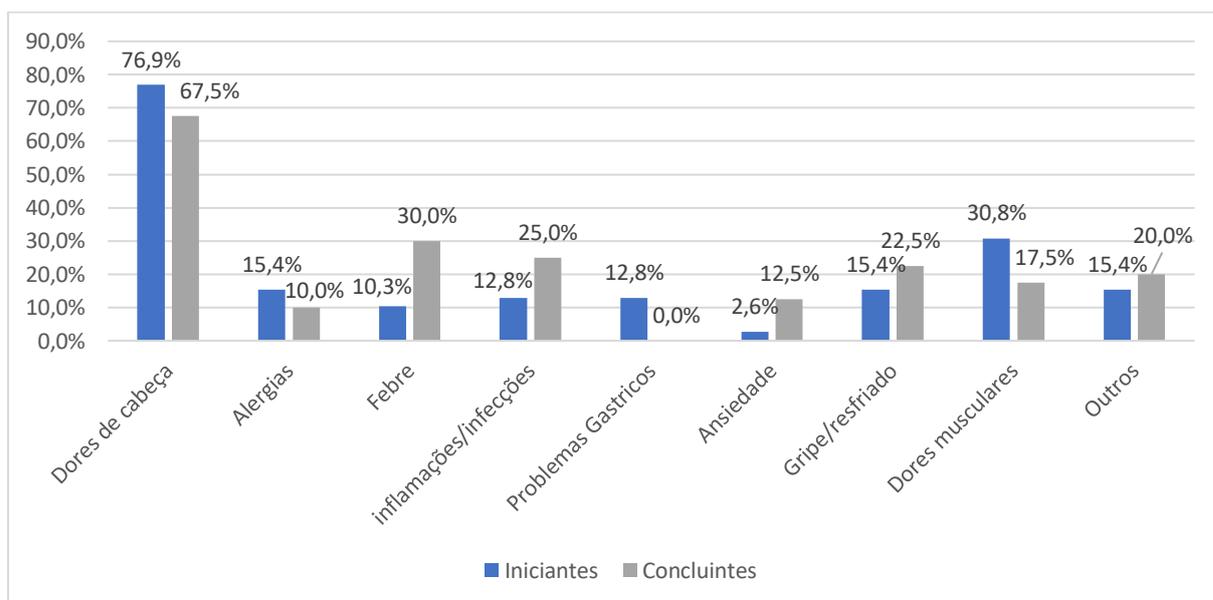
É notório que os participantes desta pesquisa utilizaram mais de um medicamento durante a automedicação, corroborando os dados publicados na

pesquisa realizada por Cerqueira (2005), que constatou que a maior parte dos participantes utilizaram mais de um medicamento, fato esse que pode ser crucial para desencadear efeitos adversos e interações medicamentosas.

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), os antibióticos podem ser dispensados somente com a apresentação da receita médica e sucessivamente a retenção da 2ª via desta (Brasil, 2011).

Segundo Marques (2008), deve-se levar em consideração que os medicamentos antimicrobianos podem ser utilizados procedentes de tratamentos anteriores, sabendo que estes são usados por períodos curtos resultando muitas vezes em sobras.

Na figura 8 pode-se observar os principais sintomas que os acadêmicos entrevistados apresentavam quando realizaram a automedicação.



**Figura 8** – Representação gráfica da distribuição percentual dos principais sintomas que justificaram a automedicação dos grupos estudados.

A partir das informações observadas na figura 8, os sintomas que mais levam os acadêmicos a realizar automedicação são dores de cabeça, apontada por cerca de 76,9% dos iniciantes e 67,5% dos concluintes, sucedidos por dores musculares, com representação de 30,8% entre os acadêmicos do grupo iniciante, e por 17,5% dos concluintes. Em seguida, sintomas relacionados às gripes e resfriados, febre, inflamações e infecções, alergias, ansiedade, problemas gástricos, e outros, sendo nesta última categoria inclusos sintomas como insônia, nervosismo, náuseas, cólicas, etc.

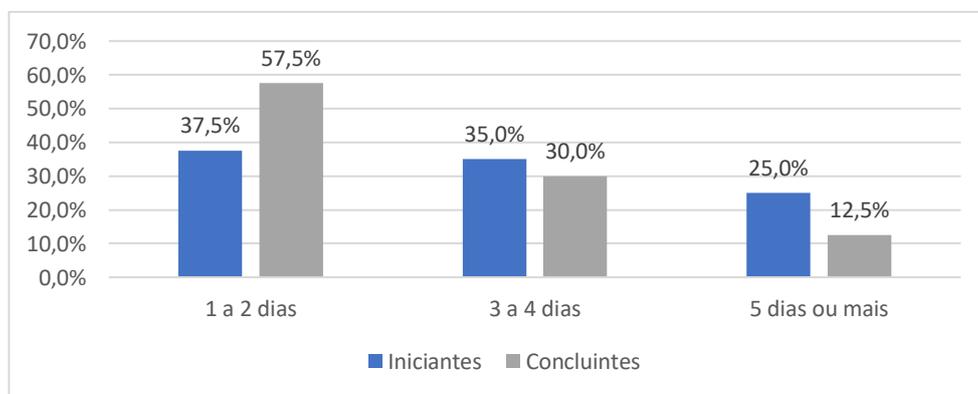
Aliado a isto, verificou-se uma correlação entre os principais sintomas citados pelos estudantes com os principais medicamentos utilizados, os quais podem ser constatados analisando as figuras 7 e 8.

Os dados desta pesquisa corroboram com as pesquisas realizadas por Damasceno e colaboradores (2017), cujos entrevistados citaram, além dos sintomas principais, casos de insônia e nervosismo. Em um estudo realizado por Santos e colaboradores (2010), no qual foram entrevistadas 377 pessoas em uma universidade de Santa Catarina, foi constatado que 69% dos entrevistados que se automedicaram, assim o fizeram por apresentarem cefaleia.

Em outra pesquisa realizada por Andrade e colaboradores (2011) na Faculdade de Medicina de Barbacena, com uma amostra de 408 acadêmicos, o estudo afirma que 90,2% declararam apresentar crises de cefaleia. Embora nos estudos citados o número de participante das pesquisas tenha sido mais expressivo do que nesse estudo, pode-se afirmar que a cefaleia pode ser considerada um sintoma importante para a automedicação.

Em uma pesquisa realizada por Penna e colaboradores (2009) foi indicado que 37% dos brasileiros que sofrem de dor de cabeça utilizam medicamentos inapropriados para curar o sintoma. Isso podendo fazer com que as dores eventuais possam se tornarem crônicas devido ao fato de o medicamento poder causar criar tolerância.

A seguir, na figura 9, estão apresentados os dados referentes ao tempo de utilização dos medicamentos durante a automedicação.



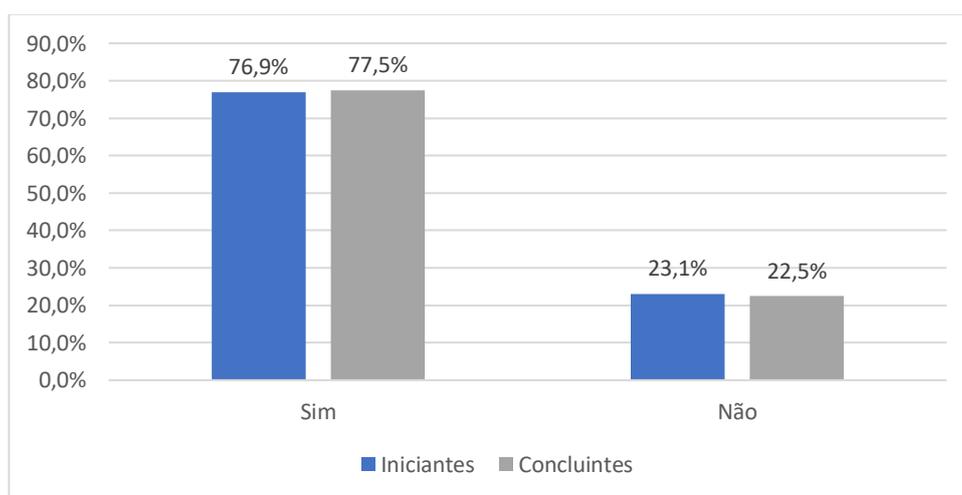
**Figura 9** – Distribuição gráfica do percentual do tempo de utilização do medicamento durante a automedicação pelos grupos estudados.

De acordo com a distribuição na figura 9, os participantes da pesquisa declararam utilizar os medicamentos com mais frequência de 1 a 2 dias em ambos os grupos, seguindo de 3 a 4 dias, também por ambos os grupos e sucessivamente 5 dias ou mais, assim sendo unânime a distribuição.

Buscando correlacionar os resultados obtidos na figura 9, com os resultados da figura 7, cujos participantes foram indagados sobre as principais classes de medicamentos utilizadas, foi realizado um teste para verificar se houve ou não correlação entre a utilização de antibióticos e tempo da utilização do medicamento, o qual se tem conhecimento que o tratamento geralmente ultrapassa a margem de cinco dias. No teste realizado foi obtido um coeficiente de correlação de Person ( $r=0,283$ ) menor que 0,5, constatando assim que não há correlação entre essas variáveis.

Analisando este fato, vale ressaltar que é extrema importância na racionalização do uso de antibióticos, bem como na duração da terapia, na posologia e indicação para a antibioticoterapia correta.

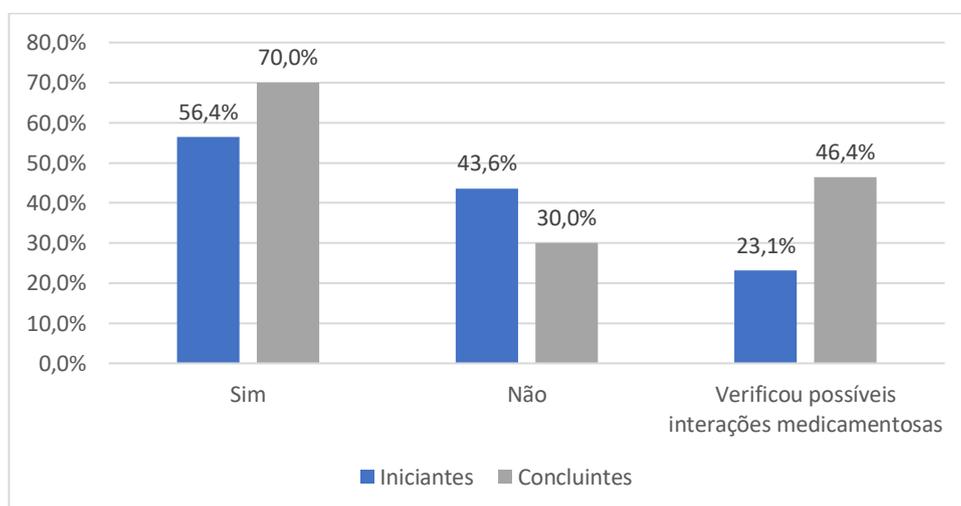
Neste estudo foram abordadas questões relativas ao comportamento dos participantes em relação a automedicação. A primeira questão abordada relaciona-se ao uso contínuo de medicamentos, e a resposta dada pelos grupos aqui pesquisados está representada na figura 10.



**Figura 10** – Distribuição gráfica do percentual dos participantes que faziam uso de medicamento de uso contínuo dos grupos estudados.

Quando questionados sobre o uso de medicamento contínuo, em ambos os grupos foi verificado que a maioria dos participantes fazem uso, sendo dos iniciantes 76,9%, e dos concluintes 77,5% (Figura 10). O alto índice dessa forma de uso pode ser justificado pelo fato de a maioria dos participantes do estudo ser do sexo feminino, e ter levado em consideração o uso de medicamentos anticoncepcionais. Insta ponderar que existem diversas drogas as quais podem ocorrer interações medicamentosas, como, por exemplo, diminuir a eficácia dos anticoncepcionais, podendo ser citados diversos fármacos como alguns tranquilizantes, anticonvulsivantes, antibióticos de amplo espectro, barbitúricos, entre outros (CASTRO et al. 2017).

Outro questionamento feito aos participantes foi sobre estarem utilizando medicamentos prescritos concomitantemente ao período em que realizaram a automedicação e, para complementar esse questionamento, perguntou-se se os mesmos verificaram a possibilidade de possíveis interações medicamentosas entre os medicamentos utilizados, cujas respostas foram sintetizadas na figura 11.



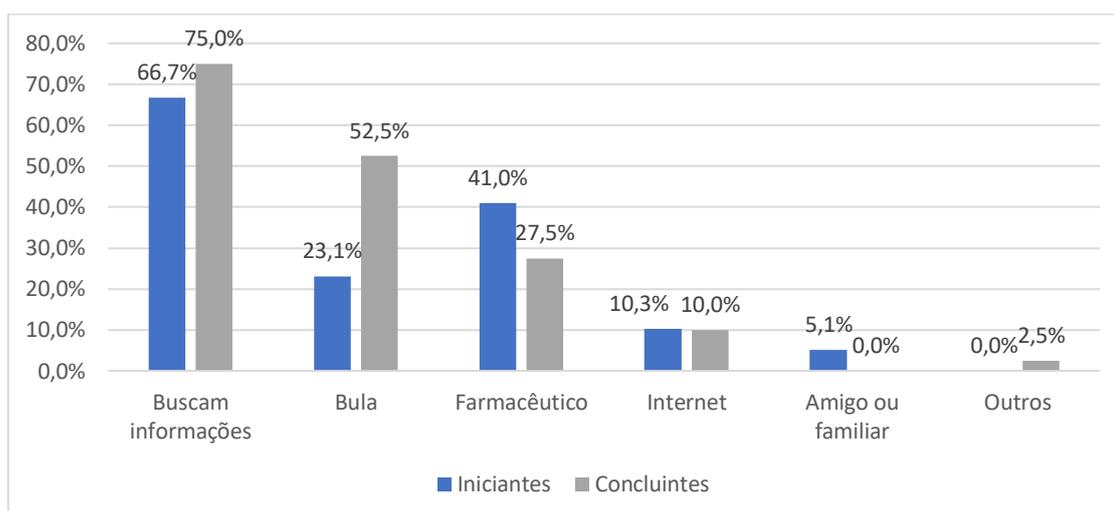
**Figura 11** – Distribuição gráfica do percentual da utilização de medicamentos prescritos concomitante ao período da automedicação dos grupos estudados, e verificação de possíveis interações medicamentosas.

Como observa-se na figura 11, é possível observar que 56,4% dos iniciantes e 70% dos concluintes encontravam-se utilizando medicamento prescrito pelos seus médicos durante a realização da automedicação, e desses, apenas 23,1% dos

iniciantes e 46,4% dos concluintes buscaram verificar sobre possíveis interações medicamentosas.

O percentual de acadêmicos que buscou informações sobre possíveis interações pode ser considerado pequeno, o que preocupa em relação ao uso racional de medicamento e automedicação responsável.

Outros parâmetros avaliados em relação informações adicionais a automedicação, foram se antes da prática os participantes buscavam informações adicionais sobre o medicamento, como estes buscavam tal informação e se a informação era compreendida e cumprida rigorosamente (figura 12).



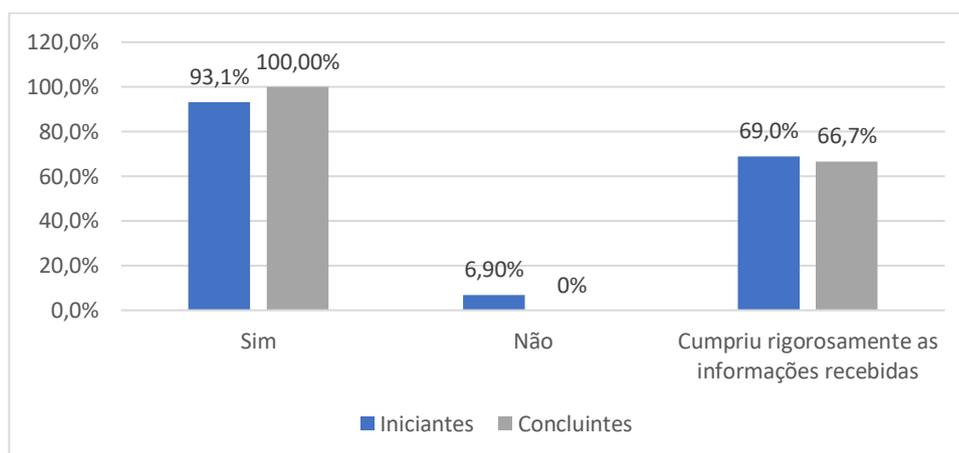
**Figura 12** – Distribuição gráfica do percentual da busca sobre informações adicionais aos medicamentos utilizados pelos grupos estudados, e da fonte de informação.

De acordo com a figura 12, pode-se analisar que apenas 66%7 iniciantes e 75% dos concluintes relataram terem buscado informações adicionais sobre os medicamentos utilizados como automedicação. Desta forma, podendo observa-se que não há um grande diferencial na postura adotada por ambos os grupos, sugerindo assim, que o conhecimento adquirido durante o curso não foi um determinante para uma mudança nessa postura em particular.

A figura 12 aponta as principais fontes de informações que os acadêmicos utilizaram para tomar conhecimento sobre o medicamento. Nota-se que os concluintes buscaram mais informações diretamente em bulas, mostrando um percentual de 52,5%. Por outro lado, quando analisado a principal fonte de

informações dos iniciantes, apresentou-se o contato com o farmacêutico como principal fonte de informação, com um percentual de 41%. Estes dados podem ser justificados pelo fato de os acadêmicos concluintes possuírem maior grau de formação acadêmica, como, por exemplo, terem cursado as matérias específicas. Desta forma, o grupo dos concluintes, apresentam melhor capacidade de compreensão das informações contidas nas bulas, e terem maior segurança devido ao conhecimento já adquirido, assim acreditando que eles apresentam maior segurança para realizar a automedicação e dispensar orientações farmacêuticas.

Quando questionados sobre a compreensão das informações e o cumprimento das informações e orientações recebidas obteve números significativos para o estudo, os quais estão apresentados na figura 13.

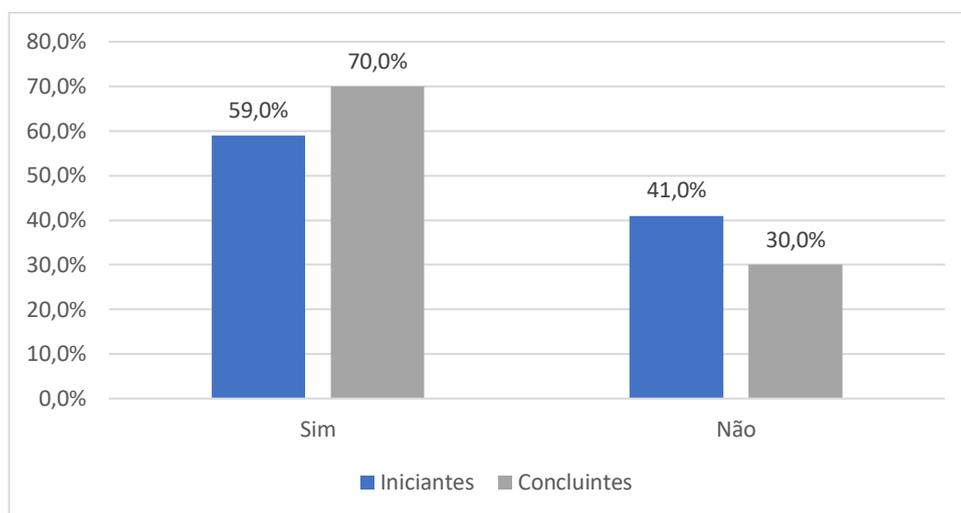


**Figura 13** – Distribuição gráfica do percentual de compreensão e cumprimentos das informações adquiridas.

Analisa-se que a maioria dos participantes da pesquisa compreenderam as informações recebidas, destacando nessa figura 13 o percentual de 100% dos concluintes. Referente ao cumprimento das informações por ambos os grupos, observa-se que há uma variação em torno dos 67% entre os grupos, o que determina que grande parte dos participantes não realiza a automedicação de correta, pois está não é uma atitude esperada na automedicação responsável.

De acordo com Katzung (2005) a instrução para uso conforme recomendado economiza tempo gasto, porém leva a falta de aderência, gerando dúvidas para o paciente podendo assim acarretar em erros de medicação.

Para finalizar o estudo, o último questionamento realizado aos participantes da pesquisa, foi se eles acreditavam ter o conhecimento necessário para realizar automedicação e realizar a indicação de medicamentos (ver figura 14).



**Figura 14** – Distribuição gráfica do percentual de conhecimento para prática da automedicação e indicação de medicamentos.

Evidentemente a prática cotidiana demonstrada neste estudo possibilita a afirmação, a partir dos dados apresentados na figura 14, que do total de participantes da pesquisa, 91,9%, acadêmicos entrevistados realizam a prática da automedicação.

Diante desse exposto, e de todos os fatores que o abrange, cerca de 59% dos iniciantes e 70% dos concluintes consideram ter conhecimento necessário para a realização da automedicação, e a indicação de medicamentos. Logo, observa-se que a maioria deles se automedicam de forma inadequada para os parâmetros relacionados à prática de um profissional farmacêutico, incluindo o grupo de alunos concluintes, os quais deveriam estar saindo para o mercado de trabalho habilitados para a conscientização do uso racional de medicamentos.

Para verificar se os participantes que afirmam ter conhecimento necessário, agem como tal, um teste de correlação de Pearson foi realizado, tendo como variáveis os participantes que afirmam conhecimento e o cumprimento das informações recebidas acerca dos medicamentos utilizados, levando em consideração que está seria uma postura mínima adequada para uma automedicação responsável.

No teste realizado foi obtido um coeficiente de correlação de Pearson ( $r=0,120$ ), menor que 0,5, concluindo assim que não há correlação entre essas variáveis. Em outras palavras, pode-se dizer que este resultado não seria esperado em uma população a qual realmente teria o conhecimento necessário relacionado à automedicação.

Sendo assim, conforme descrito por Neto e colaboradores (2006), é necessário conscientização da população para que realizem consultas com profissionais prescritores legalmente capacitados, pois um medicamento utilizado de forma correta para sua devida indicação, se administrado de forma errônea pode sérios danos à saúde.

A prática da automedicação e da indicação de medicamentos pelos acadêmicos é justificada pela autoconfiança e conhecimento adquirido durante a graduação (Cerqueira et al. 2005).

Conforme mostrado a automedicação é uma prática rotineira entre as populações estudadas, o que diante disso fica claro a conscientização dos futuros farmacêuticos em relação a esta e ao uso racional de medicamentos.

Ressaltando que a automedicação responsável é uma prática recomendada pela Organização Mundial de Saúde, a qual é considerada positiva para o sistema de saúde, e também para o usuário, assim, pode-se salientar a importância do farmacêutico devidamente para a realização da orientação farmacêutica diante do assunto.

## **5. CONCLUSÃO**

No presente estudo verificou-se a prática da automedicação entre os acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição de ensino superior no estado de Santa Catarina, onde constatou-se que a prática é corriqueira dentre os acadêmicos. Esta, podendo ser justificada devido ao fato de a maior parte dos graduandos acreditarem ter conhecimento necessário para a prática da automedicação.

Foi possível constatar no estudo a partir de testes de correlação que a automedicação realizada pelos acadêmicos pode estar acontecendo de forma errônea, e também de forma irresponsável, devido ao fato desses, em alguns casos, não cumprirem orientações básicas da automedicação responsável.

Diante dos fatos torna-se necessário uma conscientização dos estudantes do curso e a criação de medidas educativas quanto ao uso correto de medicamentos, pois somente assim será possível atingir a devida preparação do profissional farmacêutico para a orientação da sociedade, sabendo que esses são os profissionais mais capacitados para prestar orientação e a assistência farmacêutica.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. F. B. et al. Prevalência e fatores associados à enxaqueca nos estudantes da Faculdade de Medicina de Barbacena. **Revista Médica de Minas Gerais**, Minas Gerais, v. 21, n. 1, p. 25-31, 2011.

AQUINO DS, BARROS JAC, SILVA MDP. A **automedicação e os acadêmicos da área de saúde**. **Cienc Saude Coletiva** 2010;15(5):2533-8.

BAGGIO, M. A.; FORMAGGIO, F. M. Automedicação: desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**; 17(2) 224-228, 2009.

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Consulta Pública nº95, de 19 de novembro de 2001**.

Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução nº 20 de 5 de maio de 2011. Dispõe sobre o controle de medicamentos à base de substâncias classificadas como antimicrobianos, de uso sob prescrição, isoladas ou em associação. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/sngpc/Documentos2012/RDC2020202011.pdf>> Acesso em: outubro de 2019.

CASTRO, Nubia Aline Silva. Análise dos contraceptivos orais associados ao uso de antibióticos. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) - Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: [http://www.catolica-es.edu.br/fotos/files/TCC\\_2015-1\\_Nubia.pdf](http://www.catolica-es.edu.br/fotos/files/TCC_2015-1_Nubia.pdf). Acesso em: outubro de 2019.

CERQUEIRA, G. S. et al. Perfil da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem na Cidade de João Pessoa. **Rev Conceitos**, 2005.

CERQUEIRA, G. S.; OLIVEIRA, T. S. C.; CASIMIRO, T. S. **Perfil da automedicação em acadêmicos de Enfermagem na cidade de João Pessoa**. *Rev. Medicina, Ribeirão Preto*, 45:5-11, 2012.

CONASS - Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **A saúde na opinião dos brasileiros: um estudo prospectivo**. Brasília (DF): Conass, 2003.

KATZUNG, B.G. Farmacologia básica e clínica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Loyola Filho AI, Uchôa E, Guerra HL, Firmo JOA, Costa MFL. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev. Saude Publica*. 36(1): 55- 62, 2002.

Marques LAM. Atenção farmacêutica em distúrbios menores. 2a ed. São Paulo: Medfarma; 2008. 296 p.

MELO, EB; TEIXEIRA, JJV; MANICA, GCM. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. **Cien. Saúde Colet**. 12(5): 1333-1339, 2007.

MARIN, MJS; CECILIO, LCO; PEREZ, AEWUF; SANTELLA, F.; SILVA, CBA; GONSALVEZ-FILHO, JR; ROCETI, LC. Caracterização do uso de medicamentos entre idosos de uma unidade do Programa Saúde da Família. **Cad. Saúde Pública**. 24(7): 1545-1555, 2008.

Neto JAC, Sirimarco MT, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. *HU Rev. Juiz de Fora*. 32(3): 59-64, 2006.

OLIVEIRA S. D.; LIMA M. L. Análise do uso racional de antimicrobianos do hospital público da zona norte de Aracaju. **Rev. de Ciências Biológicas e da Saúde**, 12(12): 2010.

Rios MF, Souza WA, Siqueira VMS, Podestá MHMC, Melo GGP, Zuba AG, Machado JCFS, Ferreira EB. Perfil da automedicação dos alunos de uma escola técnica do Sul de Minas Gerais. *Rev. Unincor*. 11(2): 420-1, 2013.

ROSSE, W. J. D et al. **Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa, MG**, revista Brasileira de Farmácia (RBF) 92 (3): 186 -190, 2011.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C.; SÁ, M. P. B. O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Rev. Bras. Epidemiol.** 10(1): 75-85, 2007.

SANTOS, L. A. S; SANDIN,G. R.;SAKAE, T. M. Associação de cefaleia e ansiedade em estudantes de Medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina. **Revista da AMRIGS** – Associação Médica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 54, n. 3, p. 288-293, 2010.

SILVA, J. A. C; GOMES. A L; OLIVEIRA. J. P S; SASAKI. Y. A; MAIA. B. T. B; ABREU. B. M. Prevalência da automedicação e os fatores associados entre os usuários de um centro de saúde universitário. **Rev. Bras. Clin. Med.** São Paulo, 11(1):27-30, jan – mar, 2013.

SILVA C. G., Thaís M. Oliveira, Tatiana S. Casimiro, Karen A. M. Vieira, Márcia T. Tardivo, Milton Faria Junior, Carolina B. A. Restini. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Revista de Medicina** (Ribeirão Preto) v. 45(1): 5 11, 2012.

SOARES, C. et al. **Facetas da prática da automedicação na cidade de Dourados – MS**. Dourados, MS: INFARMA, 2008

ZUBIOLLI, A. **O farmacêutico e a automedicação responsável**. Pharmacia Brasileira, Brasília, ano 5, n. 5 p.23-26, set./out. 2000.